

Se assim for, então o amor acontece por acaso:
A alguns, o Cupido lança flechas; a outros, armadilhas.

Muito Barulho por Nada, William Shakespeare

PRIMEIRA PARTE



ÚLTIMA OPORTUNIDADE

Havia literalmente três parzinhos diferentes a curtir à volta da fogueira no que mais parecia uma orgia organizada de beijos, e uma parte de mim estava, tipo, *blhéc*, e a outra parte estava, tipo, *Uau, quem me dera que fosse eu*.

Para ser sincera, era o que devia ter esperado da *after-party* do nosso baile de finalistas. Não tenho por hábito ir a festas com frequência, pelo que não tinha noção de que aquilo seria o costume.

Afastei-me da fogueira e tratei de voltar para a casa de campo gigante da Hattie Jorgensen, levantando o vestido de baile com uma das mãos para não tropeçar enquanto mandava uma mensagem à Pip.

Georgia Warr

não me consegui chegar à fogueira e tirar os *marshmallows* porque havia pessoal aos beijos à volta

Felipa Quintana

Como é que foste capaz de me trair e desiludir desta maneira
Georgia

Georgia Warr

ainda me amas ou isto é o fim

Quando entrei na cozinha e dei com ela, a Pip estava encostada a um armário de canto com um copo de plástico cheio de vinho numa mão e o telemóvel na outra. Tinha a gravata meio enfiada no bolso da camisa; o casaco de veludo *bordeaux* estava agora desabotoado e os

caracóis curtos pareciam uma nuvem fofa, sem dúvida por causa de ter dançado tanto no baile.

— ‘Tás bem? — perguntei.

— Talvez um bocadinho bêbeda — respondeu-me ela, com os óculos de armações de tartaruga a escorregar pelo nariz. — E *sim*, porra, amo-te!

— Mais do que aos *marshmallows*?

— Como é que me podes pedir para fazer uma escolha dessas?

Passei o braço em volta dos ombros dela e encostámo-nos as duas aos armários da cozinha. Era quase meia-noite, a música estava a bombar na sala de estar da Hattie, e o som dos nossos colegas a conversar, a rir, aos gritos e aos berros ressoava vindo de todos os cantos da casa.

— Estavam três parzinhos diferentes a curtir à volta da fogueira — disse eu. — Tipo, em uníssono.

— Tarados — disse a Pip.

— Eu a modos que queria ser um deles.

Ela lançou-me um olhar.

— *Blhéc*.

— Só quero beijar alguém — disse eu, o que foi estranho, visto que nem sequer estava bêbeda. Mais tarde, era eu quem ia levar a Pip e o Jason a casa.

— Podemos curtir, se quiseres.

— Não era isso que eu tinha em mente.

— Bem, o Jason já está solteiro há alguns meses. Tenho a certeza de que ele alinhava.

— Cala-te. Estou a falar a sério.

Eu *estava* a falar a sério. Queria mesmo, mesmo beijar alguém. Queria sentir um pouco da magia da noite do baile de finalistas.

— Então, o Tommy — disse a Pip enquanto alçava uma sobranceira com um sorriso malicioso. — Se calhar, está na hora de *confessar*.

Eu só havia tido um fraquinho por uma pessoa. Ele chamava-se Tommy. Era o «giraço» do nosso ano — aquele que, de facto, podia ter sido modelo se quisesse. Era alto e magricelas e atraente dum modo convencional, assim ao estilo do Timothée Chalamet, embora eu não conseguisse perceber porque é que toda a gente estava apaixonada pelo

Timothée Chalamet. Tinha uma teoria só minha segundo a qual muita gente fingia ter um fraquinho por uma celebridade só para se integrar.

O Tommy havia sido o meu fraquinho desde que estava no sétimo ano e uma rapariga me perguntara «Quem é que achas que é o rapaz mais giro de Truham?» Ela mostrara-me uma fotografia no telemóvel de um grupo dos rapazes mais populares do sétimo ano, da escola ao fundo da rua, e lá estava o Tommy mesmo no meio. Eu podia ver que ele era o mais atraente — quer dizer, tinha o cabelo como o de uma estrela de uma *boy band* e estava vestido bastante à moda —, por isso, apontara e dissera *ele*. E acho que não passara disso.

Quase sete anos depois, nunca tinha sequer falado com o Tommy. Nem sequer *queria*, provavelmente por ser tímida. Ele era mais um conceito abstrato — era uma brasa e era o meu *fraquinho*, e nada havia de acontecer entre nós e eu vivia perfeitamente bem com isso.

— O Tommy não, obviamente — resmunguei em resposta.

— Porque não? Gostas dele.

A ideia de concretizar aquele meu fraquinho deixava-me extremamente nervosa.

Limitei-me a encolher os ombros e ela deixou cair o assunto.

Com os braços ainda pendurados uma na outra, trocámos a cozinha pelo átrio da casa de campo toda fina da Hattie Jorgensen. Havia gente amassada no chão do corredor, com os seus vestidos e *smokings* do baile, copos e comida espalhados por todo o lado. Duas pessoas estavam aos beijos nas escadas e olhei para elas por um instante, incapaz de decidir se aquilo seria repugnante ou a coisa mais romântica que alguma vez tinha visto na vida. Provavelmente, a primeira.

— Sabes o que eu quero? — perguntou-me a Pip, enquanto entrávamos na estufa da Hattie antes de nos deixarmos cair num sofá.

— O quê? — perguntei.

— Quero que alguém me cante uma música, assim sem mais nem menos, para se declarar a mim.

— Qual música?

Ela pensou um pouco.

— A *Your Song* do *Moulin Rouge* — suspirou. — Meu Deus, sinto-me triste, sou *gay* e estou sozinha.

— Boa escolha de música, mas não tão fácil de conseguir como um beijo.

A Pip revirou os olhos.

— Se queres tanto beijar alguém, vai lá falar com o Tommy. Gostas dele há sete anos. Esta é a tua última oportunidade antes de irmos para a universidade.

Ela era capaz de ter razão.

A ser com alguém, esse alguém tinha de ser o Tommy. Mas era uma ideia que me enchia de medo.

Cruzei os braços.

— Se calhar, podia antes beijar um desconhecido.

— Vai-te lixar!

— Estou a falar a *sério*.

— Não, não estás. Tu não és assim.

— Tu não sabes como é que eu sou.

— Sei, sim — disse a Pip. — Conheço-te melhor do que ninguém.

Ela tinha razão. Sobre conhecer-me e sobre eu não ser assim, sobre aquela noite ser a minha última oportunidade para confessar um fraquinho que tivera durante sete anos, e a minha última hipótese de beijar alguém ainda como uma miúda do secundário, enquanto ainda me era possível sentir a excitação do sonho adolescente e a magia juvenil da qual toda a gente parecia já ter sentido um gostinho.

Era a minha última oportunidade de sentir aquilo.

Por isso, afinal, talvez tivesse de ganhar coragem e beijar o Tommy.

ROMANCE

Eu adorava o romance. Desde sempre. Adorava a Disney (especialmente essa obra-prima pouco reconhecida que é *A Princesa e o Sapo*). Adorava *fanfiction*¹ (até *fanfic* de personagens das quais nada sabia, mas Draco/Harry ou Korra/Asami eram as minhas leituras de conforto). Adorava pensar como seria o meu casamento (num celeiro, com folhas de outono e frutos silvestres, luzinhas e velas, o meu vestido — todo em renda e clássico, o meu em-breve-marido em lágrimas, a minha família a chorar, eu em prantos por estar tão, tão feliz, tão feliz por ter encontrado *o tal*).

Eu. Simplesmente. Adorava. O. Amor.

Sabia que era uma lamechice. Mas eu não era cínica. Era uma sonhadora, talvez, que gostava de viver em ânsias e acreditar na magia do amor. Como a personagem principal do *Moulin Rouge*, que foge para Paris para escrever histórias sobre verdade, liberdade, beleza e amor, mesmo que, em vez disso, talvez devesse estar a pensar em arranjar um emprego para que pudesse, de facto, comprar comida. Pois. Era eu, escarrapachada.

Provavelmente, herdei isto da minha família. Os Warr acreditavam no amor *para sempre* — os meus pais continuavam tão apaixonados como

¹ A *fan fiction* ou *fanfiction* (também abreviado como *fan fic*, *fanfic*, *fic* ou *FF*) é uma escrita ficcional criada a título amador por fãs, não autorizada por, mas baseada numa obra de ficção existente. O autor recorre a personagens, ambientes ou outras propriedades intelectuais — protegidos por direitos autorais — do(s) criador(es) original(is) como base para a sua escrita. Pode variar desde algumas frases a um romance inteiro, e os fãs podem manter as personagens e ambientes do criador e/ou acrescentar os seus. Pode basear-se em qualquer tema fictício (e ocasionalmente não ficcional). Entre as bases habituais das *fanfics* incluem-se os romances, filmes, grupos musicais, desenhos animados, animé, manga e videojogos. (*N. do T.*)

estavam em 1991, quando a minha mãe era uma professora de *ballet* e o meu pai fazia parte de uma banda. Nem sequer estou a gozar. Eles eram, literalmente, o enredo da música da Avril Lavigne, *Sk8er Boi*, mas com um final feliz.

Os meus avós, dos dois lados, ainda estavam juntos. O meu irmão casou com a namorada quando tinha vinte e dois anos. Nenhum dos meus parentes mais próximos se tinha divorciado. Até a maioria dos meus primos e primas mais velhos tinha, pelo menos, um companheiro, quando não a sua própria família.

Eu nunca tinha estado numa relação.

Nunca tinha, sequer, beijado ninguém.

O Jason beijou a Karishma da minha turma de História, durante o programa Duque de Edimburgo, e andou durante uns meses com uma rapariga horrorosa chamada Aimee, até perceber que ela era um estafermo. A Pip beijou a Millie da Academia numa festa em casa, e também a Nicola, do nosso grupo de teatro juvenil, no ensaio geral do *Drácula*. A maioria das pessoas tinha uma história assim — um beijo pateta com alguém por quem tinham uma espécie de fraquinho, ou nem sequer isso, e não queria dizer que fosse dar em alguma coisa, mas fazia parte de ser adolescente.

A maioria das pessoas com dezoito anos já beijou alguém. A maioria das pessoas com dezoito já teve, pelo menos, um fraquinho, nem que seja por uma celebridade. Pelo menos metade das pessoas que eu conhecia tinha, de facto, feito sexo, apesar de algumas estarem, muito provavelmente, a mentir, ou apenas a referir-se a uma punheta muito má ou a tocar com a mão numa mama.

Mas isso não me incomodava porque eu sabia que a minha hora havia de chegar. Chegava para todos. *Vais acabar por encontrar alguém* — era o que todos diziam, e tinham razão. Fosse como fosse, os romances de adolescência só resultavam nos filmes.

Tudo o que eu tinha de fazer era esperar, e a minha grande história de amor havia de chegar. Eu havia de encontrar *o tal*. Havíamos de apaixonar-nos. E eu havia de ter o meu felizes para sempre.

A PIP, O JASON E EU

— A Georgia tem de beijar o Tommy — disse a Pip ao Jason quando nos amassámos ao lado dele num sofá da sala de estar da Hattie.

O Jason, que estava a meio de um jogo de *Scrabble* no telemóvel, olhou-me com o cenho franzido.

— Posso perguntar porquê?

— Porque já se passaram sete anos e acho que está na altura — respondeu a Pip. — Que te parece?

O Jason Farley-Shaw era o nosso melhor amigo. Formávamos uma espécie de trio. Eu e a Pip andávamos na mesma escola primária só para raparigas e tínhamos conhecido o Jason por intermédio das peças de teatro anuais, para as quais sempre se arranjava maneira de encontrar alguns rapazes da escola masculina, e depois, uns anos mais tarde, ele entrou para a nossa escola, que a partir do sexto ano era mista, e entrou também para o nosso grupo de teatro juvenil.

Qualquer que fosse a produção que fizéssemos, um musical ou uma peça, o Jason interpretava quase sempre o mesmo papel: um homem severo e mais velho. Isto essencialmente porque ele era alto e tinha os ombros largos, mas também porque, à primeira vista, tinha aquela *vibe* de pai exigente. Tinha sido Javert no *Les Mis*, Prospero n' *A Tempestade* e George Banks, o pai zangado, na *Mary Poppins*.

Não obstante, a Pip e eu depressa percebemos que, por baixo da fachada austera, o Jason era um rapaz muito meigo e tranquilo que parecia preferir a nossa companhia à de quaisquer outras pessoas. Com a queda da Pip para o caos e a minha tendência para me ralar e sentir desconfortável com basicamente tudo, a calma do Jason equilibrava-nos na perfeição.

— Hum — disse ele, deitando-me uma olhadela. — Bem... não interessa muito aquilo que *eu* penso a esse respeito.

— Não sei se quero beijar o Tommy — disse eu.

Ele pareceu ficar satisfeito e voltou-se de novo para a Pip.

— Pronto. Caso encerrado. Há que ter a certeza nestas coisas.

— Não! Vá lá! — guinchou ela antes de se virar para mim. — Georgia. Eu sei que és tímida. Mas é *perfeitamente normal* ficarmos nervosas com os nossos fraquinhos. Esta é literalmente a *última* oportunidade que tens para confessar os teus sentimentos e, mesmo que ele te rejeite, não importa porque ele vai para uma universidade no outro lado do país.

Eu podia ter salientado que isso queria dizer que uma relação seria bastante difícil, no caso de a resposta dele ser positiva, mas não o fiz.

— Lembras-te de como eu estava nervosa quando disse à Alicia que gostava dela? — continuou Pip. — E depois ela disse, tipo, «*desculpa, eu sou hétero*» e eu chorei durante, tipo, dois meses, mas olha pra mim agora! Estou a sair-me superbem! — Simulou um pontapé no ar para realçar a questão. — Trata-se de um cenário sem consequências.

O Jason não tinha tirado os olhos de mim o tempo todo, como se tentasse perceber como é que eu me sentia.

— Não sei — disse eu. — Eu... não sei. Acho que gosto mesmo dele.

Uma expressão de tristeza cruzou a cara do Jason, mas desapareceu logo de seguida.

— Então — disse ele, olhando para o próprio colo —, acho que devias fazer aquilo que queres.

— Acho que quero mesmo beijá-lo — disse eu.

Percorri a sala com os olhos e, nem de propósito, lá estava o Tommy, num grupo perto da entrada. Estava a uma distância suficiente para eu não lhe conseguir distinguir bem os pormenores da cara — era apenas o conceito de uma pessoa, uma mancha, um rapaz genericamente atraente. O meu fraquinho há sete anos. Vê-lo assim tão longe e desfocado levou-me de volta ao sétimo ano, eu a apontar para a foto de um rapaz que achava que devia ser atraente.

Isso fez-me tomar uma decisão. Eu era capaz de fazer aquilo.

Era capaz de beijar o Tommy.



Houvera ocasiões em que me perguntara se acabaria por ficar com o Jason. Também houvera ocasiões em que me perguntara se acabaria por ficar com a Pip. Se as nossas vidas fizessem parte de um filme, pelo menos dois de nós acabariam por ficar juntos.

Todavia, nunca tivera nenhum sentimento amoroso por algum deles, tanto quanto sabia.

Eu e a Pip éramos amigas há quase sete anos. Desde o primeiro dia do sétimo ano, quando nos tínhamos sentado juntas durante a atribuição de lugares e nos víamos forçadas a dizer uma à outra três factos interessantes sobre nós mesmas. Tínhamos percebido que ambas queríamos ser atrizes e pronto. Amigas.

A Pip sempre fora mais sociável, engraçada, e de um modo geral mais interessante do que eu. Eu era a que ouvia, a que apoiara por altura da crise sou-homossexual aos catorze anos, e depois na crise não-sei-se-vou-para-representação-ou-para-ciências do ano anterior, e depois na crise quero-mesmo-cortar-o-cabelo-bem-curto-mas-tenho-medo alguns meses antes.

Eu e o Jason tínhamo-nos conhecido mais tarde, mas tornámo-nos cúmplices mais depressa do que alguma vez eu imaginara possível, dado o meu fraco historial no campo das amizades. Ele foi a primeira pessoa que conheci com a qual podia ficar sentada em silêncio sem que isso fosse confrangedor. Não me sentia obrigada a tentar ser divertida e interessante com ele; podia ser apenas eu, e ele não deixaria de gostar de mim por isso.

Tínhamos ficado a dormir em casa uns dos outros umas mil vezes. Eu sabia na perfeição onde estavam as molas partidas no colchão da Pip. Sabia que o copo preferido do Jason no meu armário era um do Pato Donald, muito usado, que comprei na Disneyland aos doze anos. O *Moulin Rouge* era o filme que víamos sempre quando estávamos juntos — todos conhecíamos cada fala de cor.

Nunca houve sentimentos românticos entre mim, a Pip e o Jason. Mas acho que aquilo que partilhávamos — uma amizade de muitos anos — era igualmente forte. Talvez até mais do que nalguns casais que eu conhecia.

VERDADE OU CONSEQUÊNCIA

Para conseguir aproximar-me fisicamente do Tommy, a Pip forçou-nos a entrar para um grupo que estava a jogar ao Verdade ou Consequência, algo contra o qual eu e o Jason protestámos, sendo que a Pip obviamente venceu.

— Verdade — disse eu quando chegou a minha vez de sofrer.

A Hattie, que estava na liderança, fez um sorriso maldoso e tirou uma carta do monte da «Verdade». Devíamos ser uns doze, todos sentados no tapete da sala de estar. Eu estava entre a Pip e o Jason. O Tommy à minha frente. E eu nem queria olhar para ele.

A Pip passou-me uma batata frita da taça como forma de apoio. Aceitei-a de bom grado e enfiei-a na boca.

— Qual a pior experiência amorosa ou sexual que tiveste com um rapaz?

Algumas vozes juntaram-se num coro de «*Oooh!*», um rapaz assobiou, e uma rapariga riu-se, apenas um breve «Hah!» que me pareceu mais embaraçoso do que tudo o resto.

Felizmente, nunca mais voltaria a ver a maioria daquelas pessoas na minha vida. Talvez no Instagram, mas tinha desligado grande parte das histórias e já tinha uma lista mental de quem ia deixar de seguir assim que fossem afixados os resultados dos exames finais do secundário. Eram poucas as pessoas na escola com quem eu, a Pip e o Jason nos dávamos. Aquelas com quem nos sentávamos ao almoço. Um pequeno grupo de pessoal de teatro com quem passávamos tempo durante a temporada das peças escolares. Mas eu já sabia que havíamos de ir todos para a universidade e esquecer-nos uns dos outros.

Pelo contrário, eu, a Pip e o Jason não nos havíamos de esquecer uns dos outros porque íamos todos para a Universidade de Durham em outubro, isto se todos tivéssemos notas para isso. Algo que nem sequer tinha sido planeado — éramos um trio de *nerds* de «alto rendimento», mas o Jason não tinha conseguido entrar em Oxford, a Pip também não entrara na King's College de Londres, e eu era a única para quem, de facto, Durham era a primeira escolha.

Agradecia todos os dias ao Universo por as coisas terem resultado daquela maneira. Eu *precisava* da Pip e do Jason. Eles eram a minha tábua de salvação.

— Isso é ir longe demais — interpôs imediatamente o Jason. — Vá lá. Isso é demasiado pessoal.

Houve gritos de indignação da parte dos outros presentes. Queriam lá saber se era pessoal ou não.

— De certeza que tens *alguma coisa* para contar — disse a Hattie, no seu sotaque superqueque. — Tipo, por esta altura, já *toda a gente* teve um beijo péssimo ou assim.

Sentia-me muito desconfortável por ser o centro das atenções, pelo que pensei que seria melhor acabar com aquilo de uma vez.

— Nunca beijei ninguém — anunciei.

Ao dizê-lo, não pensei estar a dizer algo particularmente estranho. Tipo, não estávamos num filme de adolescentes. Envergonhar alguém por ser virgem não era uma cena que *realmente* existisse. Toda a gente sabia que aquele tipo de coisas se fazia quando estivéssemos preparados, certo?

Mas depois começaram as reações.

Ouviram-se arquezos de espanto. Um «*ooh*» compassivo. Alguns dos rapazes começaram a rir-se e um deles tossiu a palavra «virgem».

A Hattie levou a mão à boca e disse, chocada:

— Oh, meu Deus, *a sério*?

A minha cara começou a arder. Eu não era uma anormal. Havia imensa gente com dezoito anos que ainda não tinha beijado ninguém.

Olhei para o Tommy e até ele estava a olhar para mim com um ar compassivo, como se eu fosse uma miudinha — como se eu fosse uma criança que não entendia nada.

— Não é *assim* tão invulgar — disse eu.

A Hattie levou a mão ao peito ao mesmo tempo que fazia beicinho.

— És tão pura.

Um rapaz inclinou-se na minha direção e perguntou:

— Tipo, tu tens dezoito anos, certo?

Assenti com a cabeça e ele disse: — Oh, meu *Deus*! — como se eu fosse repugnante, ou assim.

Será que eu era repugnante? Era feia e tímida e repugnante e era por *isso* que nunca tinha beijado ninguém?

Os meus olhos estavam a começar a encher-se de lágrimas.

— Muito bem! — disparou a Pip. — Podem parar de ser uns idiotas de merda, tipo, já!

— Mas não deixa de *ser* estranho — disse um rapaz que eu conhecia da minha turma de Inglês. Estava a falar para a Pip. — Tens de admitir que é *estranho* chegar aos dezoito anos sem ter beijado ninguém.

— Isso tem muita piada, vindo de um gajo que admitiu ter batido uma com a princesa do *Shrek 3*.

Ouviram-se gargalhadas de gozo vindas do grupo, que se esquecera por momentos de se rir de mim. Enquanto a Pip continuava a censurar o grupo, o Jason pegou-me discretamente na mão e levou-me para fora da sala.

Chegados ao corredor, eu estava prestes a chorar, pelo que disse que precisava de fazer chichi e subi as escadas para ir à procura da casa de banho. Quando lá cheguei, estudei o meu reflexo, esfregando a cara abaixo dos olhos para não esborratar o rímel. Engoli as lágrimas. Não ia chorar. Eu não chorava à frente de ninguém.

Não tinha dado conta.

Não tinha dado conta de quanto ficara *para trás*. Tinha perdido tanto tempo a pensar que o meu verdadeiro amor ia simplesmente *aparecer*, um dia. Estava enganada. Estava tão, tão enganada. Toda a gente estava a crescer, a beijar, a fazer sexo, a apaixonar-se, e eu...

Eu era apenas uma criança.

E, se continuasse assim... será que ficaria sozinha para sempre?

— Georgia!

A voz da Pip. Quando saí da casa de banho, tinha-me certificado de que as lágrimas haviam desaparecido. E ela não desconfiou de nada.

— São tão imbecis — disse ela.

— Pois são — concordei.

Ela tentou sorrir-me de forma animadora.

— Tu sabes que, mais cedo ou mais tarde, vais encontrar alguém, certo?

— Sim.

— Tu *sabes* que vais encontrar alguém, mais cedo ou mais tarde. Encontramos todos. Vais ver.

O Jason estava a olhar para mim com um ar triste. Talvez de pena. Estaria, também ele, com pena de mim?

— Será que estou a desperdiçar esta coisa de ser adolescente? — perguntei-lhes.

Disseram-me que *não*, como compete aos melhores amigos, mas era tarde demais. Aquele era o alerta de que eu precisava.

Precisava de beijar alguém antes que fosse tarde demais.

E esse alguém tinha de ser o Tommy.

TOMMY

Com a desculpa de querer ir buscar o casaco a um dos quartos de hóspedes porque estava com frio, deixei que a Pip e o Jason voltassem ao rés do chão para irem buscar bebidas. Deixei-me ficar no corredor escuro, a tentar respirar e organizar as ideias.

Estava tudo bem. Não era tarde demais.

Eu não era anormal nem repugnante.

Tinha tempo para fazer a minha entrada em cena.

Encontrei o meu casaco, bem como uma taça com salsichas de coquetel equilibrada em cima de um radiador, que também levei comigo. Ao percorrer o corredor no sentido inverso, reparei que outro quarto tinha a porta entreaberta, pelo que espreitei, apenas para dar com a visão de alguém a receber o que só podia ser um «tratamento digital».

Aquilo enviou-me uma espécie de onda de choque pela coluna abaixo. Tipo, uau, *okay*, tinha-me esquecido de que as pessoas faziam mesmo aquilo na vida real. Tinha piada ler as descrições nas *fanfics* ou vê-lo nos filmes, mas ao vivo era um pouco como, tipo, *Oh. Credo! Confrangedor ao máximo, tirem-me deste filme.*

Tirando isso — de certeza que qualquer pessoa se lembraria de fechar bem a porta se estivesse prestes a ser penetrada pelos dedos de alguém.

Para mim, era muito difícil imaginar-me numa situação daquelas. Sinceramente, adorava a ideia, na teoria — ter uma pequena aventura mais tórrida num quarto escuro em casa de outra pessoa, com alguém com quem tivesse andado a namoriscar de forma intermitente durante um par de meses —, mas a realidade? Ter, de facto, um contacto genital com alguém? *Blhéc.*

Imaginava que demorasse algum tempo até que estivéssemos prontos para uma cena assim. Além de que seria preciso encontrar alguém com quem nos sentíssemos confortáveis. Eu ainda nem tinha interagido com alguém que quisesse beijar, quanto mais com alguém com quem quisesse...

Olhei para a minha taça de salsichinhas. De repente, já não estava assim com tanta fome.

Depois, uma voz rompeu o silêncio que me rodeava.

— Ei — disse a voz; olhei para cima e lá estava o Tommy.

Era a primeira vez que falava com ele na minha vida.

Claro que já o tinha visto muitas vezes. Nas poucas festas a que tinha ido em casa de alguém. Por vezes, junto ao portão da escola. Quando ele entrou para a nossa escola no secundário, não tínhamos as mesmas disciplinas, mas cruzávamo-nos nos corredores de vez em quando.

Sempre me sentira algo nervosa quando ele estava por perto, uma sensação que atribuíra ao meu fraquinho por ele.

Não sabia, de todo, o que fazer na presença dele.

O Tommy apontou para o quarto.

— Está alguém lá dentro? Acho que deixei o casaco em cima da cama.

— Acho que sim, alguém que está a travar conhecimento com os dedos de outro alguém — disse eu, esperando que num tom baixo o suficiente para não ser ouvida pelas pessoas em questão.

O Tommy baixou o braço.

— Oh. Certo. Tudo bem. Hum. Acho que o venho buscar mais tarde.

Uma pausa. Ficámos ali parados e sem graça, diante da porta. Não conseguíamos ouvir quem estava lá dentro, mas apenas o facto de saber o que estava a acontecer, e que ambos tínhamos noção disso, fez-me ter vontade de morrer.

— Como é que estás? — perguntou-me ele.

— Oh, sabes como é — disse eu, levantando a taça que tinha nas mãos. — Tenho salsichas!

Ele assentiu com a cabeça.

— Boa. Ainda bem.

— Obrigada.

— Já agora, estás muito gira.

O meu vestido de baile era lilás com brilhos e eu sentia-me bastante desconfortável nele, em comparação com as minhas habituais camisolas de malha e calças de ganga de cintura subida, mas sentia que estava gira, pelo que me soube bem ouvir aquela confirmação.

— Obrigada.

— Lamento pelo jogo da Verdade ou Consequência. — Riu-se. — As pessoas conseguem ser tão parvas. Para que saibas, só dei o meu primeiro beijo aos dezassete.

— A sério?

— Pois. Sei que foi um bocado tarde, mas... tu sabes, é sempre melhor esperar até sentirmos que faz sentido, não é?

— Sim — concordei, mas só me dava para pensar que, se dezassete era «tarde», então, eu só podia ser basicamente geriátrica.

Tudo aquilo me parecia esquisito. O Tommy tinha sido o meu fraquinho durante sete anos. Agora, estava a falar comigo. Porque é que eu não estava a saltar de alegria?

Felizmente, o meu telemóvel vibrou. Tirei-o do sutiã.

Felipa Quintana

Sexulpa mas onde dirabo é que tu andas

Ah, ah sexulpa

Disse sexo sem querer

E RABO

Ah, ah rabo

Jason Farley-Shaw

Por favor volta antes que a pip beba outro copo de vinho

Felipa Quintana

Para de mandar mensagens sobre mim no nosso grupo quando estou aqui mesmo ao teu lado

Jason Farley-Shaw

Agora a sério Georgia onde andas

Bloqueei rapidamente o ecrã do telemóvel antes que o Tommy pensasse que o estava a ignorar.

— Hum... — comecei, sem saber ao certo o que ia dizer antes de o dizer. Mostrei-lhe o meu blusão de ganga, alguns tamanhos acima do meu número. — Se estás com frio, posso emprestar-te o meu blusão.

O Tommy olhou para ele. Parecia não lhe fazer diferença que fosse, tecnicamente, um blusão de «rapariga», o que foi bom, visto que, se tivesse protestado, o meu fraquinho havia de ter morrido logo ali.

— Tens a certeza? — perguntou.

— Claro!

Pegou no blusão e vestiu-o. Aquilo deixou-me um pouco desconfortável, saber que um tipo qualquer que eu nem conhecia muito bem tinha o meu blusão favorito vestido. Mas não devia ter ficado satisfeita com aquele desenvolvimento?

— Eu ia sentar-me um bocado junto da fogueira — disse ele, encostando-se à parede com à-vontade e inclinando-se para mim de forma quase impercetível com um sorriso nos lábios. — Queres... vir comigo?

Foi quando percebi que ele estava a tentar seduzir-me.

Tipo, aquilo estava a resultar.

Eu ia mesmo conseguir beijar o Tommy.

— *Okay* — disse. — Deixa-me só mandar mensagem aos meus amigos.

Georgia Warr

tou com o tommy lol

Os romances em contexto escolar estavam no topo da minha lista de temas de *fanfiction*. Adorava, também, Universos Alternativos com almas gémeas, ou passados em cafés, as cenas de dor/consolo e de amnésia temporária.

Sempre pensei que o romance escolar era o mais provável no meu caso, mas, agora que a probabilidade de acontecer era maior do que zero, eu estava a passar-me.

Tipo, a passar-me e com o coração a mil, as mãos a tremer e a suar por todos os poros.

Um fraquinho fazia-nos sentir assim; portanto, era normal, certo?

Era tudo perfeitamente normal.

BEIJOS

Quando chegámos à fogueira, éramos os únicos. Nem sinal da orgia de beijos.

Escolhi um lugar perto do monte de mantas e o Tommy sentou-se ao meu lado, pousando uma garrafa de cerveja no braço da cadeira. O que aconteceria agora? Íamos simplesmente começar a curtir? Meu Deus, esperava bem que não.

Espera lá, não era isso que eu queria?

Fosse como fosse, um beijo tinha de acontecer. Para mim, não havia dúvidas. Aquela era a minha última oportunidade.

— Então — disse o Tommy.

— Então — disse eu.

Dei por mim a pensar como havia de iniciar o beijo. Nas *fanfics*, eles diziam simplesmente «Posso beijar-te?», o que é bastante romântico de se ler, mas que me parecia muito embaraçoso ao imaginar-me a dizê-lo em voz alta. Nos filmes, parecia acontecer sem nenhuma argumentação prévia, mas ambas as partes avançavam exatamente cientes do que estava a acontecer.

Ele assentiu com a cabeça e olhei-o de relance, à espera de que falasse.

— Estás muito gira — acabou por dizer.

— Já tinhas dito isso — retorqui, com um sorriso desajeitado —, mas obrigada.

— Estranho, nunca falámos muito na escola — continuou.

Enquanto falava, pousou a mão no espaldar da minha cadeira, deixando-a assim estranhamente perto da minha cara. Não sei porque é que aquilo me fez sentir tão desconfortável. Talvez porque a pele dele estava mesmo *ali*.

— Bem, não éramos amigos das mesmas pessoas — disse eu.

— Pois, e tu és bastante calada, não és?

Nem aquilo eu podia negar.

— Pois.

Agora que o tinha ali tão perto, fiz por tentar perceber o que é que, ao certo, me tinha atraído durante sete anos. Podia *ver* que ele era atraente de uma forma convencional, da mesma maneira que percebemos que as estrelas *pop* ou os atores o são, mas nada nele me fazia sentir *borboletas* a sério. Será que eu sabia o que era sentir borboletas? O que é que devia estar a sentir, exatamente, naquele momento?

Ele assentiu de novo, como se já soubesse tudo a meu respeito.

— Não faz mal. Não tenho nada contra raparigas caladas.

O que é que ele queria dizer com aquilo?

Seria algum tarado? Não consegui perceber. Provavelmente, estava apenas nervosa. Toda a gente fica nervosa ao pé do seu fraquinho.

Olhei na direção da casa, com a sensação de que já não me apetecia olhar mais para ele. Então, detetei duas figuras na estufa, a observar-nos — a Pip e o Jason. Ela acenou-me logo, mas ele pareceu algo embaraçado e puxou a Pip dali para fora.

Queriam ambos ver o que ia acontecer entre a Georgia e o seu fraquinho que já durava há sete anos.

O Tommy inclinou-se um bocadinho para mais perto de mim.

— Devíamos falar mais, ou assim.

Percebi que ele não estava a falar a sério. Estava só a empatar. Eu sabia o que se esperava que acontecesse a seguir.

Devia inclinar-me para ele, nervosa, mas entusiasmada, e ele afastava-me o cabelo da cara e eu olhava para ele, protegida pelas pestanas, e depois dávamos um beijo, suave, e seríamos um só, a Georgia e o Tommy, e depois íamos para casa, nas nuvens e felizes, e talvez aquilo não voltasse a acontecer. Ou, talvez, ele me mandasse uma mensagem e decidíssemos ter um encontro, só para ver no que dava, e, nesse encontro, decidíssemos começar a sair, e, ao terceiro encontro, decidíssemos ser namorados e, um par de semanas mais tarde, íamos para a cama e, enquanto eu estivesse na universidade, ele havia de mandar-me mensagens de bons-dias e visitar-me semana sim, semana não, e, depois da universidade, havíamos

de ir viver juntos num apartamentozinho junto ao rio e ter um cão e ele deixava crescer a barba e casava comigo, e pronto.

Era o que devia acontecer.

Eu era capaz de ver cada momento na minha cabeça. A rota mais simples. O caminho mais fácil.

Eu conseguia fazer aquilo, não conseguia?

Se não o fizesse, o que é que a Pip e o Jason haviam de dizer?

— Está tudo bem — disse o Tommy —, sei que nunca beijaste ninguém.

A forma como o disse foi como se estivesse a falar com um cachorro recém-nascido.

— *Okay* — disse eu.

Aquilo irritou-me. Ele estava a irritar-me.

Era aquilo que eu queria, não era? Um momento fofinho no escuro?

— Olha — disse ele, com um sorriso condescendente —, toda a gente dá o seu primeiro beijo, mais cedo ou mais tarde. Não significa nada. Não faz mal ser-se um novato, tipo, no romance e nessas coisas.

Novato no romance? Deu-me vontade de rir. Eu andava a estudar o romance como uma académica. Como uma investigadora obsessiva. O romance ia ser o tema da minha tese.

— Pois — disse eu.

— Georgia... — ele chegou-se mais, e foi aí que senti.

O nojo.

Uma onda de nojo absoluto e incontrolável.

Ele estava tão perto que só me apetecia gritar, queria partir um copo e vomitar ao mesmo tempo. Tensas, as minhas mãos fecharam-se nos braços da cadeira e tentei continuar a olhar para ele, continuar a aproximar-me, *beijá-lo*, mas ele estava *tão perto de mim* e a sensação era *horrível*, eu sentia-me *enojada*. Queria que aquilo acabasse.

— Não faz mal se estiveres nervosa — disse ele. — Por acaso, até é fofo.

— Não estou nervosa — disse eu.

Estava enojada com a ideia de o ter perto de mim. A querer coisas de mim. Não era normal, pois não?

Ele pousou a mão na minha coxa.

SEM AMOR

Foi então que me encolhi, enxotando-lhe a mão e fazendo a sua bebida cair, ao que ele se atirou para a frente para a agarrar e caiu também. Direitinho na fogueira.

EM CHAMAS

Tinha havido alguns sinais, todos os quais eu havia ignorado porque estava desesperada por me apaixonar.

O Luke do quinto ano foi o primeiro. Fê-lo com um bilhete deixado no bolso do meu casaco durante o recreio. *Para a Georgia. És tão bonita, queres ser minha namorada? Sim [] Não [] Do Luke.*

Pus uma cruz no *Não* e ele chorou durante toda a aula de Matemática.

No sexto ano, quando todas na minha turma decidiram que queriam ter namorado, senti-me excluída, pelo que perguntei ao Luke se ainda queria namorar comigo, mas ele já estava a sair com a Ayesha e respondeu-me que não. Todos os novos parzinhos brincaram juntos no parque de escalada durante o churrasco de finalistas, e eu senti-me infeliz e sozinha.

O Noah, do autocarro da escola, foi o segundo, no nono ano, embora não tenha a certeza de que ele conte. Convidou-me para sair no Dia de São Valentim porque era o que as pessoas faziam no Dia de São Valentim — toda a gente queria ter alguém no Dia de São Valentim. O Noah assustava-me porque era muito expansivo e gostava de atirar sanduíches às pessoas, por isso limitei-me a abanar a cabeça e voltei a olhar fixamente pela janela.

O terceiro foi o Jian da escola dos rapazes. Décimo primeiro ano. Muita gente o achava extremamente atraente. Tivemos uma longa conversa numa festa sobre se o *Love Island* era um bom programa ou não, e depois ele tentou beijar-me quando já estava toda a gente bêbeda, nós dois incluídos. Teria sido tão fácil ir em frente.

Teria sido tão fácil inclinar-me e fazê-lo.

Só que não quis. Não me senti atraída por ele.

O quarto acabou por ser o Tommy, que eu conhecia da escola e que parecia o Timothée Chalamet, e que eu não conhecia assim tão bem, mas aquela foi a vez que me deitou um bocado abaixo, porque pensava que gostava mesmo dele. Mas não fui capaz. Não me senti atraída por ele.

O meu fraquinho de sete anos por ele era completamente inventado.

Uma escolha ao acaso quando eu tinha onze anos e uma rapariga me mostrou uma foto e me disse para escolher um rapaz.

Eu não me sentia atraída pelo Tommy.

Ao que parecia, nunca me tinha sentido atraída por ninguém.

Gritei. O Tommy gritou. Tinha o braço todo a arder.

Ele rebolou no chão e, de repente, a Pip apareceu vinda do nada, agarrou numa manta e aterrou em cima dele, abafando as chamas enquanto o Tommy não parava de repetir «grande merda, grande merda» e eu ali espedaçada, a vê-lo arder.

A primeira coisa que senti foi o choque. Paralisei. Como se aquilo não estivesse mesmo a acontecer.

A segunda coisa que senti foi fúria por causa do meu blusão.

Era a porra do meu blusão preferido.

Nunca o devia ter dado a um rapaz qualquer que mal conhecia. Um rapaz qualquer de quem nem sequer *gostava*.

O Jason também estava lá, a perguntar ao Tommy se estava magoado, mas ele estava sentado a abanar a cabeça, enquanto se livrava dos destroços do meu blusão preferido, olhava para o braço ileso e dizia:

— Mas que porra? — Depois, olhou para mim e repetiu: — Mas que porra?

Olhei para aquela pessoa que tinha escolhido ao acaso numa fotografia e disse:

— Não gosto de ti dessa maneira. Lamento muito. És giro, mas eu... não gosto de ti dessa maneira.

O Jason e a Pip voltaram-se para mim ao mesmo tempo. Começava a formar-se uma pequena multidão, os nossos colegas já cá fora para ver qual o motivo de tanta agitação.

— Mas que *porra?* — disse o Tommy uma terceira vez, antes de se ver rodeado pelos amigos, que tentavam saber se ele estava bem.

Limitei-me a ficar a olhar para ele e a pensar, *aquilo era a porra do meu blusão e sete anos e nem sequer gostava de ti.*

— Georgia — disse a Pip. Estava ao meu lado, a puxar-me pelo braço. — Acho que está na hora de irmos para casa.

SEM AMOR

— Nunca gostei dele — disse eu no carro, quando chegámos a casa da Pip e desliguei o motor.

Ela estava sentada ao meu lado. O Jason no banco de trás.

— Passei sete anos a mentir a mim mesma.

Eles estavam ambos estranhamente calados. Como se não soubessem o que dizer. De uma maneira horrível, quase que os culpava. Pelo menos, à Pip. Ela é que me tinha empurrado para aquela situação. Tinha passado sete anos a provocar-me por causa do Tommy.

Não, não era justo. A culpa não era dela.

— A culpa é minha — disse eu.

— Não *percebo* — disse a Pip, a gesticular como uma desvairada. Ainda estava bastante tocada. — Tu... tens um fraquinho por ele há anos. — O tom de voz baixou. — Esta era a tua... a tua *grande oportunidade*.

Comecei a rir-me.

É incrível por quanto tempo conseguimos enganar-nos a nós mesmos. E a todos os que nos rodeiam.

A porta da casa da Pip abriu-se, deixando ver os pais dela em robes a condizer. Manuel e Carolina Quintana eram mais um dos casais totalmente-apaixonados, com uma história-incrivelmente-romântica que eu conhecia. A Carolina, que crescera em Popayán, na Colômbia, e o Manuel, criado em Londres, conheceram-se quando ele foi visitar a avó moribunda em Popayán, aos dezassete anos. A Carolina era, literalmente, a rapariga da casa ao lado, e o resto é história. Estas coisas acontecem e pronto.

— Nunca tive um fraquinho por ninguém na minha vida — disse eu. Estava tudo a tornar-se claro. Nunca tinha tido um fraquinho por

ninguém. Nem por rapazes, nem por raparigas, por ninguém que alguma vez tivesse conhecido. O que é que aquilo *queria dizer*? Queria dizer alguma coisa? Ou eu estava apenas a viver de forma errada? Havia algo de errado comigo? — Conseguem acreditar nisto?

Mais uma pausa, até que a Pip disse:

— Bom, ‘tá-se bem. ‘Tá-se bem, pá. Tu sabes que vais encontrar alguém...

— Não digas isso — interrompi. — Por favor, não digas.

Como tal, ela não o fez.

— Sabes, a ideia... a *ideia* é agradável. A *ideia* de gostar do Tommy e beijá-lo e ter um momento fofo junto à fogueira, depois do baile de finalistas. É *tão* agradável. Era o que eu queria. — Dei por mim a apertar o volante. — Mas a realidade *mete-me nojo*.

Não disseram nada. Nem mesmo a Pip, que sempre foi uma bêbeda tagarela. Nem sequer os meus melhores amigos conseguiam pensar numa única palavra de conforto.

— Bem... Até que foi uma boa noite, não foi? — disse a Pip numa voz arrastada, enquanto saía do meu carro aos tropeções. Manteve a porta aberta e apontou para mim de forma dramática, com a luz dos candeeiros da rua a refletir-se nos óculos. — Tu. Muito bem. Excecional. E tu... — espetou o dedo no peito do Jason quando ele passou para o banco da frente — ... excelente. Um trabalho realmente excelente.

— Bebe água — disse o Jason, dando-lhe uma palmadinha na cabeça.

Ficámos a vê-la ir até à porta da entrada e ser ligeiramente repreendida pela mãe por estar bêbeda. O pai acenou-nos e nós acenámos de volta; em seguida, liguei o motor e arrancámos. Podia ter sido uma boa noite. Podia ter sido a melhor noite da minha vida, se eu tivesse mesmo um fraquinho pelo Tommy.

A paragem seguinte foi para deixar o Jason. Ele vivia numa casa construída pelos pais, ambos arquitetos. O Rob e o Mitch tinham-se conhecido na universidade — estavam a tirar o mesmo curso — e acabaram a disputar o mesmo estágio de arquitetura. O Rob ganhou, algo que ele garante ter sido merecido, mas o Mitch diz sempre que o deixou ganhar porque gostava dele.

Quando chegámos, eu disse:

— A maioria das pessoas da nossa idade já beijou alguém.

E ele disse:

— Isso não importa.

Mas eu sabia que sim. Importava. Não era por acaso que era eu quem estava a ficar para trás. Tudo o que acontecera naquela noite era um sinal de que eu tinha de me esforçar mais, ou ia ficar sozinha para o resto da vida.

— Não me sinto como uma verdadeira adolescente — disse eu —, acho que chumbei.

E foi evidente que o Jason não sabia o que me dizer, porque não disse nada.

Sentada no meu carro no acesso da casa dos meus pais, com o fantasma da mão de um rapaz na minha coxa, engendrei um plano.

Não tardava a ir para a faculdade. Uma oportunidade para me reinventar e tornar-me alguém capaz de se apaixonar, alguém capaz de se entender com a sua própria família, com as pessoas da mesma idade, com o mundo. Ia fazer uma data de amigos novos. Ia entrar para associações e sociedades e assim. Ia arranjar um namorado. Ou uma namorada, até. Um parceiro. Ia dar o meu primeiro beijo e fazer sexo. Era só uma daquelas que desabrocham mais tarde. Não ia morrer sozinha.

Ia esforçar-me mais.

Queria o amor eterno.

Não queria viver sem amor.